

Apresentação

Um médico, sanitarista e zoólogo em campo

Jaime Larry Benchimol
Magali Romero Sá

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BENCHIMOL, JL., and SÁ, MR., eds. and orgs. *Adolpho Lutz: Viagens por terra de bichos e homens* = Travels through Lands of Creatures and Men [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 776p. Adolpho Lutz Obra Completa, v.3, book 3. ISBN 978-85-7541-122-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apresentação

Um médico, sanitarista e
zoólogo em campo

Foreword

*A physician, sanitarian and
zoologist in the field*

Adolpho Lutz (1855-1940) foi um dos mais versáteis cientistas que o Brasil já teve. Ao se transferir do Instituto Bacteriológico de São Paulo, que dirigia desde 1893, para o Instituto Oswaldo Cruz, em fins de 1908, era já um profissional maduro, com bagagem considerável de trabalhos científicos em todas as vertentes da medicina tropical, o que levaria Arthur Neiva a classificá-lo como “naturalista genuíno da velha escola darwiniana”. Tal polivalência faz dele um personagem ideal para se rastrear a evolução das problemáticas científicas no âmbito da medicina tropical, do último quarto do século XIX a meados do século XX. Lutz percorreu diversos espaços geográficos — Rio de Janeiro, São Paulo, Europa, Estados Unidos e Oceania — e cognitivos: clínica médica, helmintologia, bacteriologia, terapêutica, veterinária, dermatologia, protozoologia, malacologia, micologia e entomologia. Deixou marcas significativas de sua presença nos estudos sobre o mormo, mal-de-cadeiras, osteoporose dos cavalos, plasmodiose das vacas, parasitoses de animais silvestres e domésticos, lepra, ancilostomíase, esquistossomose, febre amarela, tuberculose, doenças de pele, malária etc.

O período em que esteve à frente do Bacteriológico caracteriza-se por ações de grande envergadura na saúde pública. No Instituto Oswaldo Cruz, pôde se dedicar mais à pesquisa, dando lastro sólido à formação dos investigadores mais jovens e das coleções biológicas, que iam se expandindo à medida que se multiplicavam as expedições ao interior do Brasil.

Publicamos a seguir os relatos e resultados de algumas das viagens feitas por Lutz, sobretudo no período em que trabalhou no Instituto Oswaldo Cruz. Como mostra a relação (incompleta) apresentada adiante, são os pontos altos de uma trajetória em que o intenso trabalho de laboratório se combina a freqüentes idas a campo para a coleta de materiais biológicos.

Neste livro, reunimos também alguns estudos sobre doenças de animais relacionados à viagem ao Pará em 1907. Lutz é considerado um dos pioneiros da veterinária no Brasil, em virtude, sobretudo, de trabalhos que os organizadores de sua *Obra Completa* enfeixaram no livro anterior a este (livro 2), dedicado à Helmintologia.

Em outro livro do presente volume desta coleção (volume III), reeditaremos artigo escrito em colaboração com Arthur Mendonça sobre o mormo em São Paulo. Foi publicado em 1896 pela Typographia do Diário Oficial daquele estado e em *Brazil-Medico* (v.10, p.418-20) como “Trabalho do Instituto Bacteriológico do Estado de São Paulo”. Nos relatórios que

Lutz escreveu como diretor daquele Instituto, que reuniremos no aludido livro, o leitor encontrará ainda outros materiais relevantes para compreender o papel que desempenhou na consolidação das pesquisas científicas em veterinária no Brasil.



Na década de 1910, os cientistas-sanitaristas do Instituto Oswaldo Cruz executaram missões de grande envergadura no interior do Brasil. Em 1910, o próprio Oswaldo Cruz prestou serviço à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, conhecida como “ferrovia do diabo” pela fama que tinha de consumir a vida de um operário para cada dormente assentado. No relatório entregue à companhia, em setembro, o cientista enfatizou a gravidade do beribéri e da pneumonia, direcionando, porém, as propostas profiláticas para a malária, que atacava 80 a 90% do pessoal.¹ Em outubro de 1910, ele desembarcou em Belém com integrantes de sua brigada de mata-mosquitos, para executar a campanha contra a febre amarela naquela capital. No princípio de 1911, foi contratado pela Light and Power para inspecionar a usina que a empresa canadense construía em Ribeirão das Lajes, no estado do Rio de Janeiro, acusada, então, de ser a responsável pela epidemia de malária que grassava em localidades vizinhas.

As plantações de seringueiras organizadas pelos ingleses no Oriente estavam em vias de suplantar a borracha brasileira. Em janeiro de 1912, o Congresso aprovou o Plano de Defesa da Borracha com o intuito de modernizar não apenas a extração, beneficiamento e comercialização do produto como também o processo de trabalho, através de medidas que reduzissem a mortalidade, muito elevada. De outubro de 1912 a março de 1913, Carlos Chagas, Pacheco Leão, João Pedro de Albuquerque e um fotógrafo percorreram parte do arcaçouço fluvial do extrativismo amazônico. Na mesma época, outras expedições do Instituto Oswaldo Cruz estiveram no Centro e no Nordeste do Brasil. Entre setembro de 1911 e fevereiro de 1912, Astrogildo Machado e Antônio Martins visitaram os vales do São Francisco e do Tocantins com as turmas da E. F. Central do Brasil que

¹ Cruz, O. G. *Relatório sobre as Condições Médico-sanitárias do Valle do Amazonas Apresentado a S. Ex^a o Snr. Dr. Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913.

estudavam o traçado de uma linha ligando Minas Gerais ao Pará. Três outras equipes atuaram a serviço da Inspetoria de Obras contra as Secas, órgão criado em 1909 para orientar a reconstituição de florestas, a abertura de estradas e ferrovias, a perfuração de poços e a construção de açudes na região árida do Nordeste. De março a julho de 1912, João Pedro de Albuquerque e Gomes de Faria atravessaram os Estados do Ceará e Piauí. De março a outubro, Arthur Neiva e Belisário Pena percorreram a cavalo ou em lombo de mula sete mil quilômetros pelos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás.²

A expedição de Adolpho Lutz e Astrogildo Machado inspecionou o vale do rio São Francisco entre abril e junho daquele mesmo ano. Em 1915 foi publicado nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* (t.7, n.1, p.5-50, 18 pranchas), em português apenas, o relatório intitulado “Viagem pelo rio S. Francisco e por alguns dos seus afluentes entre Pirapora e Joazeiro. Estudos feitos a requisição da Inspetoria das Obras Contra a Secca, direção do dr. Arrojado Lisboa”.³

Às vésperas dessa grande ofensiva científica e sanitária, os pesquisadores mais experientes do Instituto Oswaldo Cruz detalharam as normas que deveriam presidir tanto a coleta de material zoológico como as observações sobre as doenças que os expedicionários iriam encontrar no interior do país, com especial atenção às dermatoses e à doença de Chagas. As “Instruções para colheita e conservação de material científico para estudo” eram compostas por nove partes.⁴ A primeira explicava como deveriam ser registradas as doenças de pele observadas no curso das expedições. Adolpho Lutz possivelmente colaborou em alguns segmentos (em particular aqueles relacionados às dermatoses e aos helmintos). É quase certo que Adolpho Lutz tenha sido o autor da segunda parte, concernente aos insetos: as “Instruções para colheita e conservação de hematófagos” foram publicadas como folheto independente em 1912 e reproduzidas no livro 4 do volume

² Penna, B.; Neiva, A. Expedição pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t.VIII, fasc. 3, p.74-224, 1916.

³ A tradução para o inglês desse relatório, que apresentamos no presente livro, foi feita por iniciativa de Bertha Lutz, por volta de 1955. Naquele ano foi comemorado o centenário de nascimento de Adolpho Lutz e cogitou-se na publicação integral de sua obra científica. Detalhes a esse respeito encontram-se em Benchimol, J. L.; Sá, M. R., Andrade, M. M. de et al., “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.10, n.1, jan.-abr. 2003, p.203-50. Disponível também em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000100007&lng=pt&nrm=iso.

⁴ Os originais encontram-se em BR. MN. Fundo Adolpho Lutz, caixa 36, pasta 247. Não temos elementos para determinar, com segurança, a autoria dos segmentos.

II desta coleção (*Entomologia/Entomology*, p.891-6). O cientista chamava atenção aí para os principais grupos de sugadores de sangue de pássaros e mamíferos: pulgas, piolhos e, entre os dípteros, culicídeos, borrachudos (*Simulium*), ceratopogonídeos, flebótomos, as mutucas e outras moscas. Os carrapatos, apesar de pertencerem ao grupo dos Arachnida, também eram contemplados. A terceira parte intitulava-se “Instruções para o estudo da distribuição geográfica da tireoidite parasitária”, então considerada, equivocadamente, como sinal da doença recém-descoberta por Carlos Chagas. A quarta parte dizia respeito à “Dosagem de matérias orgânicas na água”; a quinta, aos “Mamíferos”; a sexta explicava as técnicas para coleta e estudo de “Protozoários”; a sétima parte tinha por título “Higiene – Plantas tóxicas – Epizootias”; a oitava continha “Instruções para a colheita, conservação e fixação de helmintos”, e, na nona parte eram apresentadas as técnicas para “Determinação do grau hidrotimétrico da água”.

Nesses segmentos, os viajantes encontravam explicações sobre as diferentes metodologias de coleta de vertebrados e invertebrados: entre os primeiros, diversas espécies de aves, répteis, peixes e mamíferos – morcegos, roedores e até mesmo botos e peixes-boi. Entre os invertebrados, a atenção dos expedicionários era direcionada para protozoários de vida livre ou parasitas do sangue, do intestino e de outros órgãos do homem e de animais; helmintos (nematódeos, cestódeos, trematódeos e todos os seus prováveis hospedeiros); moluscos de água doce e salgada e ainda artrópodes, como crustáceos, aranhas, escorpiões e centopéias.

As comissões médico-sanitárias do Instituto Oswaldo Cruz não impediram a debacle da borracha amazônica nem convenceram a velha república dos coronéis a enfrentar conseqüentemente a secular tragédia das secas nordestinas. Mas aos laboratórios de Manguinhos e de outras instituições biomédicas proporcionaram um conjunto valiosíssimo de observações e materiais concernentes às patologias brasileiras. Esses insumos alimentariam estudos aplicados à medicina e saúde pública e estimulariam o processo em curso de autonomização de dinâmicas de pesquisa básica no âmbito da zoologia e botânica médicas. Os relatórios e a iconografia produzidos pelos cientistas constituem o primeiro inventário moderno das condições de saúde das populações rurais do Brasil. Tiveram grande repercussão entre os intelectuais e as elites das cidades litorâneas, municinando os debates acerca da questão nacional, que começava a ser redimensionada nos termos da visão dualista, de longa persistência no pensamento social

brasileiro. A exaltação ufanista da civilização do Brasil, insuflada após a remodelação urbana do Rio de Janeiro, foi duramente golpeada pelas revelações sobre aquele ‘outro’ Brasil, miserável e doente.⁵

Livros do volume II da *Obra Completa de Adolpho Lutz*⁶ contêm ou comentam os trabalhos em entomologia que resultaram da colaboração desse cientista com Arthur Neiva. Aqui cabe ressaltar os contrastes notáveis entre os relatórios das expedições que o primeiro assina com Astrogildo Machado, e o segundo, com Belisário Pena. A despeito do interesse comum pelas doenças humanas e veterinárias presentes nas regiões percorridas, especialmente a Doença de Chagas, cujo alcance epidemiológico começava a ser mapeado, observa-se no relatório de Neiva e Pena extraordinária riqueza de observações sociológicas e antropológicas sobre as comunidades humanas do interior do Brasil, observações apresentadas em linguagem passional, politicamente engajada nos ideais nacionalistas e civilizadores que moviam aqueles dois cientistas vindos do centro urbano mais cosmopolita do litoral brasileiro. No texto de Adolpho Lutz, os humanos quase sempre estão em segundo plano, sobressaindo os animais, as plantas e os ambientes em que coexistem, descritos com a precisão que é peculiar àquele médico, zoólogo e agora também botânico, oriundo de família suíça, com extensa formação em países de língua alemã e cultura germânica.

Quando Oswaldo Cruz faleceu, em 11 de fevereiro de 1917, o instituto que dirigia era o centro de gravidade de uma combativa geração de sanitaristas que iria protagonizar vigoroso movimento pela modernização dos serviços sanitários do país, sob o lema da “valorização do homem e da terra”. Seu líder era Carlos Chagas, o sucessor de Oswaldo Cruz na direção do Instituto de 1918 até sua morte, em 1934, e Belisário Pena, que se destacaria como incansável publicista à frente da Liga Pró-Saneamento.⁷

⁵ Parte da documentação fotográfica, assim como a análise dos demais relatórios resultantes desse ciclo de viagens, encontra-se em Albuquerque, M. B.; Benchimol, J. L.; Pires, F. A.; Santos, R. A. dos; Thielen, E. V. e Weltman, W. L. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 1991. Sobre a importância das viagens para o pensamento social brasileiro, ver Lima, Nisia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Iuperj, Ucam, 1999.

⁶ Benchimol, J. L.; Sá, M. R. (Org.) *Adolpho Lutz, Obra Completa* (Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz): vol. II, livro 2, 2005: *Entomologia – Tabanideos / Entomology – Tabanidae*; vol. II, livro 4, 2006: *Entomologia / Entomology*, e a apresentação histórica ao vol. II, livro 3, 2006: Benchimol, J. L.; Sá, M. R. *Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil / Adolpho Lutz and medical entomology in Brazil*.

⁷ Lima, N. T.; Britto, N. “Salud y nación: propuesta para el saneamiento rural. Un estudio de la *Revista Saúde* (1918-1919)”. In: Cueto, M. (Ed.) *Salud, cultura y sociedad en América Latina*. Nuevas perspectivas históricas. Lima: Instituto de Estudios Peruanos / Organización Panamericana de Salud, 1996.

Nesse contexto inscrevem-se duas outras viagens de Adolpho Lutz: aquela feita ao Norte do Brasil, para estudar a esquistossomose, e a viagem pelo rio Paraná, até Assunção, com volta por Buenos Aires, Montevideu e Rio Grande, ambas realizadas em 1918.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a revolução pasteuriana atenuou a devastação das doenças infecciosas, deixando os exércitos entregues só ao morticínio das armas, mas foi desarmada pela pandemia da gripe espanhola, que ceifou pelos menos 21 milhões de vidas em 1918-1919.⁸ A quota trágica de óbitos no Brasil pôs a nu a incapacidade dos médicos de lidarem com os vírus, aquela espécie de inimigo ainda invisível aos microbiologistas, explicitou a precariedade dos serviços sanitários e hospitalares restritos a poucas cidades litorâneas, e agravou a insatisfação contra as oligarquias que tratavam a saúde coletiva com tanto descaso. As insurreições tenentistas, os movimentos pela reforma de outras esferas da vida social, as cisões intra-oligárquicas desaguardariam na Revolução de 1930 e na criação de um Ministério da Educação e Saúde Pública, que iria, finalmente, transformar a saúde em objeto de políticas de alcance nacional.

Mas o desdobramento mais imediato do movimento liderado pela Liga Pró-Saneamento e da crise sanitária de 1918 foi a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1920-1922. Seu raio de ação, pela primeira vez, foi além das campanhas contra epidemias em algumas cidades litorâneas. Iniciaram-se ações mais prolongadas, de caráter curativo e preventivo, contra doenças endêmicas nas zonas rurais e suburbanas,⁹ sobretudo ancilostomíase (recém-investigada por uma delegação da Fundação Rockefeller), malária, lepra, leishmanioses, febre amarela e sífilis. Não obstante denotasse eloqüentemente o atraso dos sertões brasileiros pelo impacto imagético e simbólico de seus comprovados ou supostos sinais clínicos – em especial o bócio e o cretinismo –, a Doença de Chagas caiu prisioneira de intensa controvérsia entre os médicos, o que em parte explica a escassez de ações direcionadas a ela no período.

⁸ A esse respeito ver Crosby, Alfred W. *America's forgotten pandemic. The influenza of 1918*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989; Britto, Nara Azevedo. "La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.4, n.1, p.11-30, mar.-jun.1997; ver ainda os artigos que compõem o "Dossiê gripe espanhola no Brasil", nesse mesmo periódico (v.12, n.1, jan-abr. 2005, p.61-157 (disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-597020050001&lng=en&nrm=iso).

⁹ Hochman, G. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998. Ver também Castro-Santos, L. A. "Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica". In: Hochman, G.; Armus, D. (Org.) *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e no Caribe*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004, p.249-93.

Se a significação epidemiológica dessa patologia conhecida também como tripanossomíase americana era momentaneamente desconstruída, na mesma época construía-se a de outra doença dos sertões, a esquistossomose, desempenhando Adolpho Lutz papel fundamental nesse processo.

Em 1917, percorreu com Oswino Álvares Penna os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia a fim de estudar a doença, cuja ocorrência no Brasil fora descoberta dez anos antes pelo médico baiano Manuel Pirajá da Silva.

O primeiro a identificar o verme que a causava foi o parasitologista alemão Theodor Bilharz. No Cairo, em 1851, junto com Wilhelm Griesinger, correlacionou aquela doença até então caracterizada pela emissão de urina com sangue (hematúria) ao trematódeo que denominou *Schistosoma haematobium*.¹⁰ Uma característica de seus ovos é a presença de um espinho terminal, que passou a ser usado na identificação taxonômica da espécie. Um ano após a descoberta, Bilharz identificou, em fêmeas, ovos com espinho lateral, mas não considerou aquela diferença como elemento diferencial de nova espécie.

Tal característica morfológica, aliada à localização dos ovos com espinho lateral sempre no intestino grosso e no reto, levou alguns médicos a cogitar em novo verme que causaria forma diferente da doença. Patrick Manson, da London School of Tropical Medicine, era um dos que advogava esse ponto de vista, contestado por Arthur Looss, professor de biologia e parasitologia da Escola de Medicina do Cairo: para este renomado helmintologista alemão, os ovos providos de espinho lateral constituíam meros variantes do *Schistosoma haematobium*, tanto que ambas as formas coexistiam nos principais focos da doença, na África tropical.

Em 1908, Pirajá da Silva publicou em *Brazil-Medico* quatro trabalhos sobre o assunto, baseados em materiais coletados e analisados na Bahia. Suas observações tiveram repercussão internacional por mostrarem que a doença existia no Brasil e, sobretudo, por ajudarem a consolidar a espécie *Schistosoma mansoni*, descrita em 1907 por Louis Sambon, representando o nome uma homenagem a Patrick Manson. Pirajá da Silva batizou o verme que encontrou na Bahia com o nome *Schistosoma americanum*, mas logo se comprovaria ser a mesma espécie descrita pelos britânicos.

¹⁰ Grove, D. I. A History of the human helminthology. United Kingdom: C. A. D. International Wallingford, 1990. Disponível em cmr.asm.org/cgi/reprint/15/4/595.pdf.

Uma terceira espécie fora identificada no Japão. A esquistossomose lá era conhecida pelo nome do distrito onde Dairo Fujii a encontrou, em 1874: doença de Katayama. Em 1904, Fujiro Katsurada relacionou-a ao *Schistosoma japonicum*, e em 1913, Keinosuke Miyairi e M. Suzuki descreveram seu hospedeiro intermediário: moluscos do gênero *Biomphalaria*. Miyaki e Suzuki demonstraram também que a cercária, a larva do *Schistosoma*, transmite a doença ao homem quando penetra em sua pele.

A descrição do ciclo evolutivo das espécies *S. mansoni* e *S. haematobium* foi realizada, pela primeira vez, em 1915, por Robert Thompson Leiper (1881-1969).

Adolpho Lutz iniciou seus estudos no Brasil um ano depois, a princípio com material fornecido por aprendizes nordestinos da Escola da Marinha, no Rio de Janeiro. Além de comprovar que a esquistossomose constituía importante problema de saúde pública no Brasil, demonstrou a evolução do *S. mansoni* em caramujos da espécie *Biomphalaria olivacea*, atualmente denominada *B. glabrata*. Esses estudos levaram-no à descoberta de novo hospedeiro intermediário, o caramujo *Biomphalaria straminea*.

Segundo Deane (1955), Lutz foi o primeiro a descrever detalhadamente a penetração do miracídio (embrião) no molusco, a formação dos esporocistos de primeira e segunda geração, a migração destes para as vísceras do hospedeiro, onde apareciam as cercárias, e a saída destas formas larvárias. Além disso, obteve a infestação experimental em diversos roedores e estudou a patologia nesses animais e em humanos.¹¹

Quando Lutz começou esses estudos, os resultados obtidos por Leiper não tinham sido ainda plenamente divulgados, e quase nada se sabia sobre a relação entre os endotrematódeos e a fauna malacológica do Brasil. No livro anterior de sua *Obra Completa (Helminologia/Helminthology)* foram reproduzidos os trabalhos sobre a esquistossomose e seu verme que antecederam a viagem de 1917 e que vieram a lume depois dela. No próximo livro desta coleção (*Outros estudos em zoologia/Other studies in zoology*), o leitor encontrará o trabalho fundamental que Lutz publicou em 1918 sobre “Caramujos da água doce do gênero *Planorbis*, observados no Brasil” (*On Brazilian fresh-water shells of the genus Planorbis*).

Comprovados na década de 1940 por Emile Brumpt, do Instituto Pasteur de Paris, os estudos de Lutz tornaram-se clássicos tão completos, observa

¹¹ Deane, M. P. “Adolfo Lutz, helmintologista”. *Revista do Instituto Adolfo Lutz*, v.15, número comemorativo do centenário de Adolfo Lutz, 1955, p.73-85.

Maria Deane (1955), que “ninguém que trabalhe hoje no assunto, especialmente no Brasil, pode prescindir de conhecê-las detalhadamente”.

A decisão tomada pelo Instituto Oswaldo Cruz de enviar ao Alto Paraná e ao sul do Mato Grosso uma expedição para colher dados e materiais e investigar as condições sanitárias da região parece ter sido determinada por uma solicitação feita no começo de 1918 pelas autoridades do estado do Paraná, através do Dr. Heráclides-Cezar de Souza Araújo, então diretor dos serviços de Profilaxia Rural naquele estado. Nascido lá a 24 de junho de 1886, Souza Araújo diplomou-se pela Escola de Farmácia de Ouro Preto (MG), em 1912, e no ano seguinte fez o Curso de Aplicação no Instituto Oswaldo Cruz. Antes de se doutorar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1915, cursou ainda disciplinas na de Berlim (1913-1914), inclusive dermatologia, o que o levou a se tornar um especialista em lepra.

Como estagiário no Hospital dos Lázaros de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, entre outubro de 1915 e março do ano seguinte, realizou, com o diretor, Fernando Terra, experiências com a vacina antileprosa desenvolvida por Rudolph Kraus, então diretor do Instituto Nacional de Bacteriologia de Buenos Aires, e com quimioterápicos preparados no Instituto Oswaldo Cruz por Astrogildo Machado. Quando terminava seu estágio, Souza Araújo recebeu convite do presidente recém-eleito do Paraná, Affonso Camargo, para participar do saneamento de seu estado natal. E foi em 1916 que Miguel Pereira, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, proferiu a célebre frase, “o Brasil é um imenso hospital”, prenunciando a campanha que seria desencadeada pela Liga Pró-Saneamento do Brasil, a partir de fevereiro de 1918.

Entre maio e julho de 1916, Souza Araújo dedicou-se ao censo dos leprosos existentes no Paraná. Comprometido com as bandeiras do sanitarismo, publicou artigos a esse respeito na imprensa curitibana e apresentou à Sociedade Brasileira de Dermatologia comunicação intitulada “A lepra no Paraná e a sua profilaxia”. A pedido de Affonso Camargo, elaborou plano para a profilaxia no estado e submeteu-o à apreciação de Oswaldo Cruz, que lhe teria aconselhado: “Se V. não conseguir fazer a profilaxia da lepra na sua terra, faça, ao menos, o combate às verminoses e à malária no litoral do estado”.¹²

¹² Cruz *apud* Souza Araújo, H.-C. de. *História da lepra no Brasil: período republicano (1890-1952)*. v.III. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956, p.587.

Após a promulgação do Decreto presidencial nº 13.001, de 1º de maio de 1918, que instituiu o Serviço de Profilaxia Rural, Souza Araújo sugeriu ao chefe do Executivo estadual paranaense o estabelecimento de um acordo com o governo federal para a criação daquele serviço no Paraná.

Em 16 de janeiro de 1918, portanto às vésperas de assumir a chefia do serviço paranaense, Souza Araújo, Adolpho Lutz, seu auxiliar José de Vasconcellos, e outro pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca, partiram da Estação da Luz, em São Paulo, rumo a Bauru, para em seguida subir o rio Paraná, atravessando uma das regiões menos conhecidas do Brasil. Escreve Fonseca:

Para que se faça uma idéia do quanto eram pouco visitadas essas partes centrais da América do Sul, basta referir que em todo o seu longo percurso, entre o Rebojo de Jupiá e as Sete Quedas, o rio Paraná só era atingido do lado do Brasil pela Estrada de Ferro Noroeste que o atravessava naquele primeiro ponto e, depois, somente na localidade então chamada Porto Tibiriçá, por uma trilha de boiadas pela qual, vindo de Mato Grosso, passava o gado a pé numa viagem de meses até São Paulo. Quando estávamos em Três Lagoas, dizia-se e nos informavam que nos últimos dez anos o Alto Paraná só tinha sido descido uma vez e isso por alguns jovens desportistas de São Paulo, que, dessa última cidade, pelos rios Tietê e Paraná, foram até Buenos Aires em um barco de regatas. Também, entre Jupiá e as Sete Quedas, nas margens do grande rio e nas suas proximidades, só em Porto Tibiriçá encontramos qualquer habitação e moradores que não fossem índios em vida tribal falando seus idiomas próprios.

Esse comentário encontra-se em *A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil* (1974, p.163), onde Fonseca publicou o *Diário* até então inédito da viagem feita em 1918.¹³ Além de redigi-lo, parece ter sido ele o autor das fotografias parcialmente utilizadas no relatório publicado nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t.X, fasc. 2, p.104-73, sob o título “Viagem científica no rio Paraná e a Assunción, com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande”. Fonseca reivindica aí a autoria apenas do capítulo referente à protozoologia e à planctologia: “todo o restante foi redigido pelos Drs. Adolpho Lutz e Heráclides-Cezar de Souza Araújo”.¹⁴

¹³ Fonseca Filho, O. da. “A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil”. In: *Oswaldo Cruz – Monumenta Histórica*. São Paulo: s.n., 1974, p.163-85.

¹⁴ Na publicação do relatório no presente livro da *Obra Completa de Adolpho Lutz* reproduzimos diversas fotografias não utilizadas na edição original.

Em 1925, Adolpho Lutz, então com 70 anos, passou quase seis meses na Venezuela, em companhia do auxiliar Joaquim Venâncio. No dia 17 de maio, um domingo, às dez horas da noite, embarcaram no Rio de Janeiro; em 16 de novembro, em La Guaira, iniciaram a viagem de regresso, com curta estada em Nova York antes de chegarem à capital brasileira.

Nascido em 23 de maio de 1895 na fazenda de Bela Vista, Rio Novo, Minas Gerais, de propriedade da família de Carlos Chagas, Joaquim Venâncio Fernandes chegara ao Instituto Oswaldo Cruz rapaz ainda, em setembro de 1916. Algum tempo depois, começou a trabalhar no laboratório de Adolpho Lutz. Dedicado auxiliar e habilíssimo coletor, passou a acompanhá-lo em todas as suas excursões. Após a morte de Lutz, em 1940, Venâncio continuaria a dar assistência a Bertha Lutz, nos trabalhos de campo e de laboratório. Faleceria em 27 de agosto de 1955.¹⁵

Lutz e seu auxiliar viajaram a convite do general Juan Vicente Gómez (24.7.1857- 17.12.1935), que foi presidente da Venezuela em três ocasiões entre 1908 e o ano de sua morte. Criador de gado, apoiou o general Cipriano Castro Ruiz (1858-1924), que governou o país de 1899 até 1908. Tornou-se o seu principal consultor e, em 1902, chefe das forças militares que se encarregaram de reprimir várias revoltas contra o governo. Gómez ascendeu ao poder através de um golpe militar em 19 de dezembro de 1908, quando Castro se encontrava na Europa, em tratamento médico. Conseguiu reduzir a gigantesca dívida da Venezuela e financiar um ambicioso programa de obras públicas através de concessões a companhias petrolíferas estrangeiras. Em 19 de abril de 1914, entregou a faixa presidencial a um presidente provisório, Victoriano Márques Bustillos, ainda que continuasse a reger o país permanecendo em Maracay, onde residia. Em 1922, reassumiu a presidência e exerceu-a até 22 de abril de 1929. Embora reeleito pelo Congresso, permitiu que Juan Bautista Pérez o sucedesse. Em 13 de junho de 1931, o Congresso obrigaria Perez a renunciar e reelegeria Gómez, que, dessa vez, permaneceria no poder até sua morte.

Embora na documentação administrativa relativa à licença de Adolpho Lutz da função de chefe de serviço do Instituto Oswaldo Cruz conste que sua missão era organizar, para o Ministério da Instrução Pública da Venezuela, os seus serviços de parasitologia, verifica-se, pela leitura de

¹⁵ A esse respeito ver Herman Lent, "Notícias e comentários. Joaquim Venâncio (1895-1955)", *Revista Brasileira de Biologia*, v.15, n.4, p.427-8; e seção "Depoimentos e Imagens" em *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.10, n.1, jan.-abr. 2003, p.411-68. Disponível em www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n1/17845.pdf.

seu diário, que dedica todo o tempo naquele país a pesquisas em laboratório e em campo, muitas vezes em companhia de investigadores como Enrique Tejera e, principalmente, Manuel Núñez Tovar (24.9.1872-27.1.1928).

Formado em medicina pela Universidade Central da Venezuela, em Caracas, em 1895, Núñez Tovar começou a clinicar em Maturín. Em 1909, o governo do estado de Monagas nomeou-o diretor de uma Comissão de Higiene Pública, da qual fizeram parte também Rafael Núñez Isava e César Flamerich. Com a ajuda deste último, Núñez Tovar demonstrou que muitas anemias erroneamente associadas à malária eram decorrentes da presença do *Ancylostoma duodenale* no intestino. Ainda em 1909, deu início a suas investigações em entomologia, tendo sido um dos primeiros a estudar os dípteros venezuelanos.

Em meados da década de 1910, Núñez Tovar fixou-se, em definitivo, em Maracay, capital do estado de Aragua. Nomeado médico de brigada da guarnição dessa cidade, realizou aí seus trabalhos mais importantes como entomólogo. Em novembro de 1916, enviou uma comunicação à Academia de Medicina da Venezuela com a descrição de duas espécies de *Anopheles* capturadas pela primeira vez no país. Cinco anos depois, submeteu ao III Congresso Venezuelano de Medicina *Insectos venezolanos transmisores de enfermedades*. No Congresso seguinte, realizado em 1924, apresentou *Mosquitos y flebotomos de Venezuela e Índice dipterológico de Venezuela con la contribución geográfica por estados*.

Durante sua carreira, manteve intenso intercâmbio com pesquisadores estrangeiros, como Robert Newstead e seu auxiliar, A. M. Evans, da Escola de Medicina Tropical de Liverpool. Com o entomólogo norte-americano Harrison Gray Dyar publicou em 1927 *Notas sobre insectos hematofagos de Venezuela: Diptera, Culicidae, Psychodidae*.

Manuel Núñez Tovar reuniu rica coleção de insetos que hoje se encontra depositada na Seção de Malariologia e Saneamento Ambiental do Ministério da Saúde venezuelano. Além de um liceu e de um hospital universitário em Maturín, levam seu nome várias espécies de mosquitos descobertos por ele. Sua colaboração com Adolpho Lutz deu origem a “Contribución para el estudio de los dipteros hematofagos de Venezuela”, que faz parte de *Estudios de zoología y parasitología venezolanos*, reeditado no presente livro da *Obra Completa* de Adolpho Lutz.

Ao regressar ao Brasil, Lutz recebeu 20 mil bolívares do governo da Venezuela para custear a impressão do livro. A tradução dos textos do

português para o espanhol foi feita por Juan Tremoleras; os desenhos, por Raymundo Honório, P. Sandig e Rudolph Fischer. Em BR. MN. Fundo Adolpho Lutz, caixa 34, pasta 244, maço 3 encontram-se as as notas promissórias e os recibos emitidos pela Companhia Lithographica Ypiranga, com sede em São Paulo e agência no Rio de Janeiro, relativos à impressão de 550 exemplares do livro em papel acetinado e 50 em papel couchê. Verifica-se que o serviço começou a ser executado em setembro de 1927 e foi entregue em fevereiro de 1929. Segundo Bertha Lutz, o dinheiro recebido da Venezuela foi suficiente para custear o envio de 500 exemplares até Trinidad, mas praticamente toda a edição se perdeu, e, de fato, hoje é quase impossível encontrar vestígios até mesmo dos cem exemplares que Lutz conservou.

Como mostramos em “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”,¹⁶ por ocasião do centenário do nascimento de cientista, em 1955, cogitou-se na publicação integral de sua obra, e seus filhos, Bertha e Gualter Adolpho Lutz, chegaram a preparar vários materiais com vistas a esse empreendimento, que não se concretizou. Alguns eventos e produtos resultaram, no entanto, da Comissão do Centenário, formada pelo recém-criado Conselho Nacional de Pesquisas. Um dos frutos do esforço de Bertha Lutz por preservar a obra científica do pai foi a reimpressão em Caracas, em dezembro de 1955, de *Estudios de zoología y parasitología venezolanas*, às expensas da Universidad Central de Venezuela.

A reimpressão do livro só foi possível graças ao apoio de Enrique Guillermo Vogelsang (1899-1969), que o prefacia.

Nascido em Montevideú, formara-se na Escola de Veterinária daquela capital. Fez estudos de especialização em parasitologia e patologia animal no Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo e, em 1931, transferiu-se para a Venezuela. Um dos precursores da medicina veterinária naquele país, trabalhou inicialmente como médico-veterinário no Hipódromo del Paraíso, em Caracas, depois no exército venezuelano, onde atingiria a patente de coronel. Era professor da Escola Prática de Agricultura “La Providencia”, em Maracay, à época em que Adolpho Lutz esteve lá.

Em 1938, juntamente com outros professores estrangeiros, participou da criação, naquela cidade, da Escola Superior de Veterinária, atual

¹⁶ Benchimol, J. L.; Sá, M. R., Andrade, M. M. de et al., “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.10, n.1, jan.-abr. 2003, p.203-50. Disponível também em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000100007&lng=pt&nrm=iso.

Facultad de Ciencias Veterinarias da Universidad Central de Venezuela (UCV), da qual seria diretor. Foi também fundador e diretor da Sociedade de Medicina Veterinária da Venezuela. Com Piero Gallo, deu início, em 1939, à publicação da *Revista de Medicina Veterinaria y Parasitología*, que mais tarde passou a se chamar *Revista de la Facultad de Veterinaria* da UCV. Nas páginas desse periódico, Vogelsang deixou estudos pioneiros sobre diversas enfermidades como a brucelose, a osteoporose dos eqüinos, a febre aftosa, a tuberculose bovina e doenças de animais domésticos e selvagens causadas por endoparasitos. Junto com o parasitologista J. A. Travassos Santos, Vogelsang foi também um dos precursores no estudo da fauna venezuelana de ixodídeos.

No presente livro da *Obra Completa* de Adolpho Lutz reproduzimos, sob a forma de fac-símile, a edição de 1955 de *Estudios de zoología y parasitología venezolanos*, exceto “Tabanidae” (p.55-68) e as respectivas estampas (VIII e IX), uma vez que já se encontram em Jaime L. Benchimol & Magali Romero Sá (Org.), *Adolpho Lutz – Obra Completa*, v.2, livro 2: *Entomologia – Tabanídeos/Entomology-Tabanidae*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2005, p.625-50.

A documentação relativa à viagem de Adolpho Lutz à Venezuela é complementada por três textos inéditos: “Notas sobre a visita do professor Adolpho Lutz à Venezuela”, escritas por Bertha Lutz em 1955; “Diário de viagem à Venezuela” manuscrito por Adolpho Lutz e, por fim, o discurso que proferiu em 9 de novembro de 1925 na Universidad Central daquele país, discurso publicado em *El Universal*, um periódico de Caracas. Esses textos e as fotografias e cartões postais que reproduzimos, em parte, encontram-se em BR. MN. Fundo Adolpho Lutz, BR. MN. Fundo Adolpho Lutz, caixa 34, pasta 244, maço 3.



Durante as viagens que realizou, Lutz sempre esteve voltado para diferentes grupos zoológicos e botânicos, especialmente aqueles relacionados aos estudos parasitológicos que vinha conduzindo desde a década de 1880. A busca por ecto e endoparasitas se fazia em distintos filós e classes. Assim, além de identificar a fauna e flora dos lugares visitados, Lutz observava as inter-relações de animais, vegetais, seus parasitas e o ambiente

em que viviam. Não é à toa que Arthur Neiva o considerava um “naturalista genuíno da velha escola darwiniana”.¹⁷

Na primeira viagem ao Nordeste, em 1912, Lutz dedica-se a exaustivo inventário da fauna e flora, observando todas as formas de vida, desde mamíferos até um grupo zoológico ainda muito pouco estudado e conhecido: esponjas de água doce, animais bentônicos sésseis, isto é, fixos no substrato, geralmente sustentados por um esqueleto mineral formado por espículas de sílica ou carbonato de cálcio, cujo tamanho pode variar de poucos micrômetros a centímetros.¹⁸ O interesse de Lutz por esse grupo é puramente zoológico já que, à época, não se atribuía a ele nenhuma relevância médica.¹⁹ Ao retornar ao Nordeste, cinco anos depois, Lutz volta-se exclusivamente para os estudos parasitológicos e de entomologia médica. A revelação da história natural dos locais visitados já não exerce a mesma atração que teve na fase desbravadora da medicina tropical. O importante, na nova conjuntura, é entender o modo como se desenvolve o esquistossomo em seus hospedeiros e buscar moluscos que sirvam de vetores à doença humana, a esquistossomose.

Ao chefiar a viagem pelo rio Paraná, até Assunção, o encanto de um mundo natural ainda pouco conhecido leva os viajantes a cederem novamente ao impulso de inventariar fauna e flora, seus parasitas e a inter-relação destes com o meio ambiente. Coletam várias espécies novas de protozoários e helmintos, assim como o plâncton, componente importante da intrincada rede de relações faunísticas e florísticas que constituíam aqueles ecossistemas fluviais. Iniciado no Instituto de Manguinhos em 1908, pelo protozoologista tcheco Stanislas von Prowazek, o estudo de plâncton vinha se tornando uma tradição no Instituto graças aos trabalhos de Gomes de Faria, Aristides Marques da Cunha e do próprio Olympio da Fonseca. Esses três pesquisadores fizeram parte da Estação de Biologia Marinha fundada em 1912 pelo Ministério da Agricultura, na Praia Vermelha, chefiada pelo zoólogo do Museu Nacional, Alípio de Miranda Ribeiro. Em 1916, a Estação foi transferida para o Instituto Oswaldo Cruz, prosse-

¹⁷ Neiva, Arthur. *Necrológio do professor Adolpho Lutz 1855-1940*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

¹⁸ As esponjas (filo Porifera) são animais filtradores que possuem uma fisiologia bastante simples na sua construção. Ver acd.ufrj.br/labpor/1-Esponjas/Esponjas.htm.

¹⁹ Sabe-se hoje que espécies de esponjas de água doce podem atuar como agentes etiológicos causadores da infecção ocular. Ver Volkmer-Ribeiro, C. et al. Freshwater sponge spicules: a new agent of ocular pathology. *Memórias do IOC*, v.101, n.8, p.899-903, 2006.

guindo aí os estudos sobre o plâncton da costa brasileira. O material coletado durante a viagem de 1918 ajudou a tornar conhecida a comunidade de pequenos animais e vegetais que povoava as costas sul-americanas do Atlântico até Mar del Plata, na República Argentina.

Verdadeiros naturalistas viajantes, os membros da expedição de 1918 preocupam-se também em recolher artefatos indígenas que são entregues ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, além de registrar em fotografias a fisionomia da região percorrida.

Nessa viagem, começam a ganhar relevância os anfíbios, que iriam tornar-se um dos principais objetos de estudo de Adolpho Lutz nas décadas de 1920 e 1930. Na Venezuela, em 1926, têm já importância relativa maior que outros grupos zoológicos, mas todos são examinados como reservatórios de vermes e outros parasitas, constituindo esses estudos parasitológicos a espinha dorsal do programa de pesquisa desenvolvido por Lutz naquele país.

No próximo livro de sua *Obra Completa* o leitor encontrará, reunidos, os trabalhos que o cientista publicou a respeito dos anfíbios, alguns em colaboração com sua filha, Bertha Lutz, que fazia carreira como zoóloga do Museu Nacional estudando esses animais.



Em julho de 1928, Adolpho Lutz, sua filha, Bertha Lutz, e o auxiliar de pesquisa Joaquim Venâncio viajaram para o Rio Grande do Norte, a convite do presidente do estado, Juvenal Lamartine de Farias (1874-1956). De acordo com a *Mensagem* deste relativa ao triênio 1928-1930 (disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u747/000068.html>), em março, o governo norte-rio-grandense firmara acordo com o Departamento Nacional de Saúde Pública, recebendo do tesouro nacional recursos destinados aos serviços de Saneamento Rural e de Profilaxia da Lepre e das Doenças Venéreas. A comissão local de saneamento rural, chefiada pelo dr. Waldemar Antunes, mantinha um posto itinerante, um posto permanente em Ceará-Mirim, e, na capital, um serviço de lepra, um serviço pré-natal, gabinete de radiologia, laboratório bacteriológico e uma seção de farmácia.

Adolpho Lutz já estivera no Rio Grande do Norte com Oswino Álvares Penna em 1917, quando investigavam a esquistossomose no Nordeste do Brasil. Sua visita, agora, parece ter relação com os problemas e os agentes

do saneamento rural no Estado, mas Lutz percorre-o com olhos mais de zoólogo que de médico ou sanitarista, com interesse ainda muito grande pelos moluscos que serviam de hospedeiros intermediários aos esquistossomos. Os anfíbios, objeto de pesquisa que partilhava com a filha, atraem-no muito, assim como outros componentes da fauna e flora coletados e examinados do ponto de vista da helmintologia, entomologia e botânica.

O relatório que Lutz apresentou ao governo do Rio Grande do Norte, datado de 28 de julho de 1928, foi publicado em *A Republica – Órgão Oficial dos Poderes do Estado* na edição de 23 de agosto, com o título “Objetivo da viagem do Dr. Adolpho Lutz ao nosso Estado”. O cientista comentava a excursão que fizera de Natal até o município paraibano de Guarabira, com muitas observações relativas aos patógenos e patologias encontrados na região.

O conteúdo do relatório oficial provém de “Notas da viagem para Natal e parte do Estado do Rio Grande do Norte”, documento inédito constituído por 8 folhas datilografadas com algumas anotações manuscritas e desenhos. Esse documento foi criado com base em um diário manuscrito num caderno (46 folhas), cujas páginas, na extremidade oposta, contêm anotações relativas a outra excursão feita em fevereiro de 1928, a Bonito, Ponte Alta e rio Pinheiros, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Ambos os documentos encontram-se em BR. MN. Fundo Adolpho Lutz, caixa 15, pasta 101.

A primeira página de *A Republica*, de 8 de julho de 1928, documenta a chegada dos Lutz, sob o título “Natal recebe a visita da *leader* do feminismo no Brasil”. O cientista regressou ao Rio de Janeiro em 11 de agosto. Bertha permaneceu por mais tempo, cumprindo programação intensa: visitou cidades do interior, proferiu diversas palestras, participou de inaugurações e, junto com o escritor e folclorista Luís da Câmara Cascudo, conheceu um autêntico arraial junino. Segundo a referida *Mensagem* do presidente do Estado, ela vinha em comissão do Ministério da Agricultura para estudar a flora local, “aproveitando o ensejo para fazer uma série de conferências político-sociais no intuito de interessar a mulher norte-riograndense nos nossos problemas de ordem política e econômica” (p.68).

Nas matérias publicadas em *A República* percebe-se que Adolpho Lutz é inteiramente ofuscado pela filha, “paladina do movimento feminista brasileiro”. Bertha Lutz era umas das principais lideranças da campanha pelo

voto feminino, que começara a ganhar expressão no cenário político brasileiro nos anos 1920, sobretudo após a organização da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Em outubro de 1922, o Congresso Jurídico Brasileiro aprovava a constitucionalidade do voto feminino. Em 1926, o Congresso de Minas Gerais começara a discutir a reforma de sua Constituição de modo a conceder às mulheres o direito de votar e de serem votadas nas eleições estaduais. No ano seguinte, o então deputado federal Juvenal Lamartine de Faria, partidário do sufrágio feminino, ao anunciar a sua candidatura ao governo do Rio Grande do Norte, prometera amplos direitos políticos às mulheres. Naquele mesmo ano, na cidade de Mossoró alistara-se a primeira eleitora, Celina Guimarães. Antes mesmo de assumir a presidência do Rio Grande do Norte, Lamartine de Faria assegurou as mudanças necessárias no Código Eleitoral do Estado. Em 1928, com seu apoio, Alzira Soriano de Souza elegeu-se prefeita do município de Lajes (foi a primeira prefeita eleita no Brasil).²⁰

Não é de espantar, portanto, que Bertha e o feminismo fossem os alvos principais das atenções da imprensa e das elites letradas norte-riograndenses durante a estada dos Lutz em Natal.

A documentação relativa a sua viagem traz à baila outro tema: a aviação. Adolpho e Bertha chegaram a Natal a bordo de um avião da Compagnie Générale Aéro-Postale, que pousou no campo de Parnamirim, inaugurado pouco antes. O diário e o discurso do cientista, reeditados no presente livro, deixam claro o impacto daquela experiência com um meio de transporte considerado revolucionário.

Em 1927, o exército francês tinha inaugurado uma linha de navegação entre Natal e Dacar, capital do Senegal, com o objetivo de colher dados meteorológicos para a criação de uma linha aérea, origem da atual *Air France*. Juvenal Lamartine de Farias orgulhava-se com o fato de ser Natal considerado “o ponto preferido no continente sul-americano para a descida dos aviões e hidroaviões que atravessam o Atlântico, merecendo bem a denominação de ‘cais da Europa’” (*Mensagem*, p.68). Suas palavras refletiam um horizonte de possibilidades que seria ainda desbravado por ações das mais heróicas e aventureiras.

²⁰ Ver www.tre-rn.gov.br/nova/inicial/institucional/historico/a_mulher_na_politica_nacional/ e www.brasilcultura.com.br/conteudo.php?menu=97&id=396&sub=436.

Em 1918, Pierre Georges Latécoère propusera ao ministro da Aeronáutica da França o projeto de ligar seu país à América do Sul através de três segmentos: Toulouse – Casablanca, Casablanca – Dacar, Natal – Buenos Aires, via Rio de Janeiro. A travessia aérea do Atlântico não era ainda considerada viável. Em novembro de 1927, fora inaugurada a ligação aérea entre Natal, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Em março de 1928, entrou em operação o primeiro serviço postal França – América do Sul. A travessia entre Dacar e Natal seria feita por meio de embarcações chamadas “avisos” até 1935. Somente a partir desse ano, seria realizada regularmente por meio de hidroaviões.²¹

Em 6 de julho, dois dias antes da chegada dos Lutz, aterrissara na praia de Touros, a 90 quilômetros de Natal, o Savoia-Marchetti S-64 pilotado por Arturo Ferrarin e Carlo Del Prete. Aquele monopiano fora construído pela Fiat especialmente para que os pilotos italianos realizassem, pela primeira vez, a façanha de atravessar, sem escalas, o oceano Atlântico entre seu país e o Brasil. O itinerário previsto era Roma, Cagliari, Argélia, Melilla, Gibraltar, ilhas Canárias, Cabo Verde e Brasil. No dia 3 de julho de 1928, o Savoia-Marchetti decolou do aeródromo de Montecelio em Roma. A primeira mensagem dos pilotos saudando as terras brasileiras foi captada em 6 de julho. Ferrarin e Del Prete tinham voado cerca de 7.163 quilômetros em 49 horas e 19 minutos, batendo assim um recorde mundial de distância. A muito custo foi transportado para Natal o avião, que ficara danificado ao pousar em Touros. Adolpho e Bertha Lutz certamente participaram das homenagens e eventos sociais de que foram alvo Ferrarin e Del Prete. Em 31 de julho, os dois aventureiros rumaram para o Rio de Janeiro a bordo de um avião francês da Latécoère. Após acidentadas escalas em Recife, Maceió, Aracaju e Camaçari (na Bahia), chegaram à então capital federal em 7 de agosto, uma ensolarada manhã de domingo. Aguardava-os o Savoia-Marchetti S-62, para que nele prosseguissem viagem até as colônias italianas no sul do país. Ao sobrevoarem a baía de Guanabara, experimentando ainda o avião, ocorreu o acidente que causou em Del Prete ferimentos que levariam à amputação de suas pernas e à sua morte em 16 de agosto de 1928.²²

²¹ Mémoire d'Aerostale, Amérique du Sud. Expositions permanentes aux scales permanentes de la ligne. Disponível em www.memoire-aerostale.com/img/plaquette.pdf, consultado em jan. 2007.

²² A esse respeito ver o belo artigo de Isabel Lustosa, “Esses bravos heróis dos ares”, *Nossa História*, ano 1, n.2, dez. 2003. Disponível em www.nossahistoria.net/Default.aspx?PortalId=-1&TabId=-1&MenuId=-1&pagId=DNGCVJRI, consultado em jan. 2007.

Consta que depois da viagem ao Rio Grande do Norte, Adolpho Lutz alertou as autoridades brasileiras para o perigo do ingresso de insetos de importância médica no Brasil, oriundos da costa ocidental da África. E, de fato, a presença do *Anopheles gambiae* foi constatada em Natal, em março de 1930, por Raymond Shannon, entomologista do Serviço de Febre Amarela. No telegrama que enviou à Fundação Rockefeller, em 30 de setembro, declarou: “Encontrei *gambiae* em Natal. Pobre Brasil!”.²³ Apesar de ser ainda restrita a área infestada, a epidemia de malária atingiu grande número de pessoas, sendo por muitos confundida com a febre amarela.

Em 1938, enquanto a forma silvestre desta doença varria o Centro e o Sul do Brasil, o vetor africano da malária instaurou verdadeira calamidade pública no Rio Grande do Norte e no Ceará. No primeiro estado houve cerca de cinquenta mil casos e cinco mil mortes numa população de 240 mil habitantes. No vale do Jaguaribe, em julho, ocorreram mais de 63 mil casos com cerca de oito mil mortes, sendo que em alguns municípios a doença vitimou mais de 90 por cento da população. O risco de *Anopheles gambiae* se propagar pela Amazônia e alcançar o canal do Panamá, numa conjuntura em que era iminente a deflagração da Segunda Guerra Mundial, e em que os estudos epidemiológicos apontavam a malária como a principal ameaça sanitária às forças beligerantes, levou os Estados Unidos a se interessarem vivamente pelo problema do Nordeste brasileiro. Com recursos e sanitaristas do governo brasileiro e da Fundação Rockefeller, o Serviço de Malária do Nordeste, criado em agosto de 1938 e reformado em janeiro de 1939, logrou em pouco tempo erradicar o hospedeiro africano do Brasil.²⁴

Jaime Larry Benchimol e Magali Romero Sá

Pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz
Fundação Oswaldo Cruz

²³ Depoimento de Milton Moura Lima em “Dengue no Brasil”, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.5, n.1, mar.-jun. 1998, p.173-215, p.178-9.

²⁴ A esse respeito ver Benchimol, J. L. (Coord.) *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Bio-Manguinhos; Ed. Fiocruz, 2001.

Viagens e excursões feitas por Adolpho Lutz

Como diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo (1893-1908)

1897	maio-junho: como delegado oficial de São Paulo, acompanha conferência e experiências de Giuseppe Sanarelli sobre bacilo da febre amarela, no Instituto de Higiene Experimental, Montevidéu, Uruguai.
1898	fevereiro: integra comissão Serviço Sanitário de São Paulo encarregada de avaliar a eficácia do soro desenvolvido por Sanarelli em doentes de febre amarela em São Carlos do Pinhal (São Paulo).
1900	setembro: excursão à estação do Rio Grande (São Paulo) para estudar culicídeos.
1901	fevereiro: excursão a Guatapará (SP) para investigar o impaludismo nas margens do rio Mogi Guaçu.
1902	28 de abril a 15 de maio: estudos sobre impaludismo em Batatais, nas margens do rio Sapucaí, e ainda em Vassoural, Entroncamento e Ribeirão Preto, no estado de São Paulo.
1904	5 a 13 de janeiro: viagem a Salesópolis para examinar as águas dos rios São João e Ribeirinhos, nas cabeceiras do Tietê, oferecidas ao governo para o abastecimento da cidade de São Paulo.
1905	1º de setembro de 1905 a 12 de fevereiro de 1906: viagem a Paris como representante do estado de São Paulo no Congresso Internacional da Tuberculose.
1907	4 de agosto a 30 de dezembro: viagem à Ilha de Marajó a convite do governo do estado do Pará, para estudar o mal-de-cadeiras.

Como pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz (1908-1940)

1911	22 de janeiro: excursão a Bomfim (Paraná?).
1912	1º de maio até 8 de julho: viagem pelo rio São Francisco.
1913	15 a 30 de janeiro: excursão à fazenda do Bonito, na Serra da Bocaina; fevereiro: excursão a Pacau, na Serra de Mantiqueira, Minas Gerais; abril: excursão à fazenda do Bonito, na Serra da Bocaina; setembro e outubro: excursão à fazenda do Bonito, na Serra da Bocaina; outubro: excursão a Itatiaia, na Serra da Mantiqueira.
1914	3 a 30 de janeiro: viagem a São Bento, Santa Catarina; fevereiro: excursão a Pacau, na Serra da Mantiqueira, Minas Gerais; março: excursão à fazenda do Bonito, e à Serra da Bocaina.
1915	fevereiro: excursão à fazenda do Bonito e à Serra da Bocaina; junho: excursão à fazenda do Bonito e à Serra da Bocaina; dezembro, de 29 até 31: excursão a Passa Quatro, Minas Gerais.
1916	março, até 8 de abril: excursão a Capela Nova do Betim e Belo Horizonte, Minas Gerais; 8 de setembro: excursão a Juiz de Fora e Lassance, Minas Gerais.
1917	fevereiro: excursão à fazenda do Bonito e à Serra da Bocaina; 5 a 14 de março: excursão aos campos de Caparaó, Minas Gerais; 5 de agosto até 11 de outubro: viagem pelo Nordeste (Espírito Santo, Bahia, Pernambuco etc.).
1918	17 de janeiro até 5 de março: viagem pelo Rio Paraná e a Assunción (Paraguai).

1919	1º a 21 de novembro: viagem a Minas Gerais com o Dr. J. Chester Bradley: Lassance, Serra de Santa Maria, Diamantina; 9 a 19 de dezembro: excursão a Lassance e à Serra do Cabral, Minas Gerais.
1920	outubro: viagem a Montevideú; delegado do Brasil ao II Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Sifilografia.
1921	janeiro: excursão à Serra da Bocaina; fevereiro: excursão a Campos do Jordão, na Serra da Mantiqueira, São Paulo; abril: excursão a São João Del Rei, Minas Gerais.
1924	2 a 8 de dezembro: viagem a Belo Horizonte, Minas Gerais.
1925	janeiro: excursão à Serra da Bocaina; 17 de maio a 17 de dezembro: viagem à Venezuela, com passagem por Nova York, na volta.
1927	27 a 30 de maio: participa das comemorações do bicentenário da American Philosophical Society, na Filadélfia, Estados Unidos.
1928	fevereiro: excursão a Formoso, Rio Bonito, Ponte Alta e rio Pinheiros (Rio de Janeiro e São Paulo); julho: viagem ao Rio Grande do Norte.
1930	dezembro: excursão à Serra da Bocaina.
1933	março: excursão à Serra da Bocaina.